

■ POLÍTICA

PT namora Sarney e ACM transforma-se em bombeiro

Tanta confusão e desentendimento viraram a política brasileira de cabeça para baixo. Depois de servir ao extinto regime militar por mais de uma década e agora com quase uma outra de Parlamento, o deputado Delfim Netto (PPB-SP), que transitou entre a direita e a esquerda, acha que está ficando louco com o que vê e ouve, informou a Agência O Globo.

"Alguém poderia imaginar um dia o Antônio Carlos Magalhães servir de bombeiro e pedir calma para um dos mais cordatos políticos brasileiros, que é o Sarney? Não sei o que é mais inusitado, o novo papel de ACM ou a velha raposa José Sarney enfrentar um presidente da República.

A poucos metros do espantado Delfim Netto, à porta do gabinete do presidente do Senado, José Sarney, o presidente do PT, José Dirceu, saía de um encontro com o seu mais recente "companheiro", lamentando o fim da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) e avisando: "A luta continua. Nós ('Nós' eram o PT e Sarney), da oposição, vamos mobilizar a sociedade e esse governo vai dar pretexto para novas CPIs, porque os escândalos não vão parar".

Dentro do gabinete de Sarney, crianças acompanhadas de suas mães, algumas delas do Movimento dos Sem-Terra, pediam fotos autografadas de Sarney. Uma funcionária levava e trazia já com as dedicatórias fotos tiradas quando ele era presidente da República. Na ante-sala, a líder do PT na Câmara, Sandra Starling, acompanhada pelo senador Eduardo Suplicy, se preparava para ser recebida pela segunda vez, em



José Sarney

menos de dez dias, por Sarney. "O PT está em lua-de-mel com o Sarney. Mas ele não é líder da oposição", fazia questão de esclarecer o deputado José Genoíno.

José Dirceu, Genoíno e o líder do PDT, Miro Teixeira, acham que Sarney não saiu desgastado do episódio. Para eles, o presidente do Senado cumpriu apenas o regimento. Miro foi mais ex-

gerado: "Estou bem à vontade para falar do Sarney porque durante o seu governo, ao qual tive a honra de servir, ele sempre me recebia com gentileza".

Sarney infiltrou-se no governo. No domingo, o presidente Fernando Henrique Cardoso, ao ler nos jornais declarações de Sarney tentando tentações ditatoriais, ficou irritado e ligou para um de seus líderes na Câmara, sugerindo que respondesse, sem agredir, reafirmando os compromissos democráticos de seu governo e da própria biografia política. E sugeriu o nome de um deputado amigo seu para responder. O líder ponderou: "Esse não, presidente. Ele passou a semana toda elogiando o Sarney".

Já Antônio Carlos Magalhães teve esta semana questões de ordem referendadas até pelo senador Pedro Simon (PMDB-RS), a quem por duas vezes tentou agredir recentemente. Anteontem, almoçou com seu ex-arquiinimigo Paulo Maluf, depois de ter tido uma conversa reservada com seu amigo Sarney. Ele que, recentemente também esteve na mesma posição em que está agora Sarney em relação ao governo, tem sido um interlocutor constante de Fernando Henrique. Ele agora é conhecido como bombeiro.

Sarney pressiona PMDB pela CPI

Em reunião do partido, senador colocou cargo de presidente do Congresso à disposição

por Alexandre Pinheiro
de Brasília

A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Bancos pode ser instalada hoje à tarde com o apoio do PMDB, que depois de uma reunião de três horas rejeitou um apelo feito pelo próprio presidente Fernando Henrique Cardoso ao líder do partido no Senado, Jäder Barbalho (PA), para que o partido deixasse de indicar seus representantes na CPI. A decisão foi tomada por onze votos contra dez a favor e o voto do presidente do Senado, José Sarney (AP), foi decisivo durante a reunião da bancada.

Sarney defendeu abertamente a instalação da CPI e chegou a colocar o cargo de presidente da Casa à disposição do partido, caso os pemdebistas achassem que sua posição prejudicaria os interesses da bancada. Segundo apurou este jornal junto a senadores presentes à reunião, Sarney foi aplaudido pela defesa da instalação da CPI.

O líder Jäder Barbalho afirmou que vai orientar os representantes do PMDB da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) a votar contra o recurso dos líderes do governo que pedem o arquivamento da CPI pela ausência de um fato determinado a ser investigado. Se a matéria passar na CCJ, a orientação para a votação no plenário do Senado é a mesma.

"A minoria se comprometeu a seguir a decisão da maioria", afirmou Barbalho, defendendo que o partido vote unido. Alguns senadores do PMDB entendem, contudo, que estão liberados para votar com o governo. "A decisão foi sobre o apoio à instalação da CPI e não sobre a votação na CCJ e no plenário", argumentou o senador Íris Resende (GO). Ele é presidente da

CCJ, onde o governo ainda pretende aprovar, hoje pela manhã, a inconstitucionalidade da CPI.

A decisão do PMDB foi anunciada às 20h30, após três horas de reunião a portas fechadas. "Vou informar ao presidente Fernando Henrique", disse o líder Jäder Barbalho, que se encontrou três vezes com o presidente nas 24 horas que antecederam a tomada de posição do PMDB.

Segundo Jäder, a bancada foi convocada para analisar o apelo feito por Fernando Henrique para que fosse reconsiderada a posição do partido de apoiar a criação da CPI. "O presidente fez um apelo formal para que os partidos que apóiam o governo votassem contra a CPI", afirmou. Na defesa do governo, Barbalho argumentou que poderia ser criado um impasse caso a comissão se instalasse ontem,

como queria a oposição, e fosse extinta hoje pelo plenário.

O líder do governo no Senado, Elcio Álvares (PFL-ES), confirmou o pedido de apoio, feito durante um almoço de Fernando Henrique ontem com os líderes que apóiam o governo. "O apelo do presidente foi veemente", disse Álvares.

Diante da reação dos líderes, no almoço, acatando os argumentos de Fernando Henrique, os governistas passaram a comemorar o sepultamento da CPI no período que antecedeu a reunião do PMDB. "Devemos ter uma maioria razoável na CCJ e a maioria expressiva na votação do plenário", afirmou Álvares durante a tarde.

O que o governo não contava era com a resistência do próprio Sarney ao fim da CPI, em mais um golpe contra Fernando Henrique. "A CPI deve ser constituída e nós devemos instalá-la", declarou o presidente do Senado, defendendo que a comissão tem fatos para apurar.

Liderança do partido ficou dividida. O desempate veio com o voto de Sarney